

EXPRESSÃO, LINGUAGEM E CRIATIVIDADE NO CONTO “PARTIDA DO AUDAZ NAVEGANTE”, DE GUIMARÃES ROSA

Antonia Aparecida Pereira Borges¹
Laira de Cássia Barros Ferreira Maldaner²
Leonardo Mendes Bezerra³
Marlene Sandes Barros⁴
Valéria da Silva Medeiros⁵

Resumo: Este artigo propõe uma discussão acerca da criatividade e da expressão infantil a partir da análise do perfil de Brejeirinha, personagem central do conto “Partida do audaz navegador”, publicado no livro *Primeiras Estórias* (1962), obra que reúne vários contos de Guimarães Rosa. No conto, o escritor traz reflexões acerca da capacidade de criação e imaginação da criança, que ganha destaque na caracterização da personagem de Brejeirinha. Para discorrer sobre a criatividade infantil, utilizamos alguns pressupostos da Teoria Sociocultural de Vygotsky, apresentando a relevância do conto para a educação nos dias atuais. Os resultados da análise apontam que, desde muito cedo,

1 Doutoranda em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Araguaína-TO. Mestra em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína-TO. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino de Literatura. Orcid: 0000-0002-4593-7601 E-mail: antonia.borges@ufnt.edu.br

2 Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Balsas, Maranhão, Brasil. E-mail: lairamaldaner@professor.uema.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1>

3 Doutor em Educação, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Balsas, Maranhão, Brasil. E-mail: leonardobezerra@professor.uema.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9781-0047>

4 Mestre em Letras: Ensino de Línguas e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT, 2022); atua como Agente Especialista Socioeducativo Pedagogia na Unidade de Semiliberdade Feminina de Palmas/TO. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1837-3617>. E-mail: marlenesandes2018@gmail.com

5 Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora associada d e Teoria Literária e Educação em contexto de privação de liberdade na Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Araguaína (Mestrado e Doutorado). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8289-9715> E-mail: valeria.medeiros@ufnt.edu.br

as crianças podem ser estimuladas à leitura, também do mundo. Ademais, o artigo apresenta uma reflexão sobre o potencial pedagógico do conto de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Criatividade Infantil; Literatura; Ensino; Poeticidade.

EXPRESSION, LANGUAGE AND CREATIVITY IN THE STORY “PARTIDA DO AUDAZ NAVEGANTE”, BY GUIMARÃES ROSA

Abstract: This article proposes a discussion of children's creativity and expression based on an analysis of the profile of Brejeirinha, the main character in the short story “Partida do audaz navegador,” published in the book *Primeiras Estórias* (1962), a collection of several short stories by Guimarães Rosa. In the short story, the author reflects on children's creative capacity and imagination, which are highlighted in the characterization of Brejeirinha. To discuss children's creativity, we use some assumptions from Vygotsky's Sociocultural Theory, presenting the relevance of the short story for education today. The results of the analysis indicate that, from a very early age, children can be encouraged to read, including about the world. Furthermore, the article also presents a reflection on the pedagogical potential of Guimarães Rosa's short story.

Keywords: Children's Creativity; Literature; Teaching; Poetry.

INTRODUÇÃO

A produção artística de Guimarães Rosa tem chamado a atenção da crítica literária até os dias atuais. A originalidade da escrita do autor é um dos motivos de tamanha admiração diante da leitura de suas obras. Amante do sertão e dos hábitos interioranos, conversas com sertanejos eram uma fonte de inspiração para o literato, que era apaixonado pela linguagem e pelo sertão. Ao escrever, conseguiu criar um estilo próprio, pois criava expressões e palavras, atribuindo-lhes sentidos diferentes dos já conhecidos pelo público.

Em sua obra *Primeiras estórias*, interessou-nos o conto *Partida do audaz navegador*, narrativa que transcende os limites entre a poesia e a prosa. Na leitura do conto, o leitor encontra-se diante de um convite à imaginação e ao pensamento poético. O conto inicia-se em um ambiente familiar, enquanto chove, as crianças estão na cozinha com a mãe numa “meia manhã”, como descreve o narrador:

Na manhã de um dia em que brumava e chuviscava, parecia não acontecer coisa nenhuma. Estava-se perto do fogo familiar, na cozinha, aberta, de alpendre, atrás da pequena casa. No campo, é bom; é assim. Mamãe, ainda de roupão, mandava Maria Eva estrelar ovos com torresmos e descascar os mamões maduros. Mamãe, a mais bela, a melhor. Seus pés podiam calçar as chinelas de Pele. Seus cabelos davam o louro silencioso. Suas meninas dos olhos brincavam com bonecas. Ciganinha, Pele e Brejeirinha elas brotavam num galho. Só o Zito, este, era de fora; só primo. Meia manhã chuvosa entre verdes: o fúcio fino borriço, e a gente fica quase presos, alojados, na cozinha ou na casa, no centro de muitas lamas. Sempre se enxergam o barranco, o galinheiro, o cajueiro grande de variados entortamentos, um pedaço de um morro e o longe. Nurka, negra, dormia. Mamãe cuida com orgulhos e olhares

as três meninas e o menino. Da Brejeirinha, menor, muito mais. Porque Brejeirinha, às vezes, formava muitas artes (Rosa, 2001, p.109).

No início da narrativa há uma expressiva apresentação dos personagens e da ambientação: “no interior da casa, as crianças conversam entre si”, momento em que se nota um apontamento para a perspicácia de Brejeirinha, que, ainda na cozinha, chama a atenção ao propor ideias intangíveis:

Brejeirinha pulou, por pírueta. “ Eu sei porque é que o ovo se parece com um espeto! ”; ela vivia em álgebra. Mas não ia contar a ninguém. Brejeirinha é assim, não de siso débil; seus segredos são sem acabar. Tem, porém, infimículas inquietações: “Eu hoje estou com a cabeça muito quente [...] ” isto, por não querer estudar. Então, ajunta: “ Eu vou saber geografia.” Ou: “Eu queria saber o amor [...] ”. (Rosa, 2001, p. 110-111)

A personagem representa a criança como um ser criativo e filosófico. Nesse excerto do conto, já se percebe Brejeirinha aguçando a imaginação de seus interlocutores, quando afirma: “Eu sei por que é que o ovo se parece com um espeto”, instigando a curiosidade de quem a ouve.

O fato de o narrador revelar que ela “não ia contar a ninguém”, faz com que o leitor de Guimarães Rosa seja estimulado a pensar: Por que Brejeirinha fez uma comparação tão absurda? Diante de tal questionamento, é interessante pontuar que a personagem utilizou-se de uma oposição, já que o ovo e o espeto constituem-se elementos polares: o ovo é esférico, enquanto o espeto é reto e agudo, como é reiterado por Meneses:

Ovo e espeto sinalizam um encontro de contrários: orgânico x inorgânico, arredondado (melhor dizendo: ovalado) x pontudo; esfera x seta, masculino x feminino-remetendo, inescapavelmente, a uma simbologia cada vez mais sexualizada, que remontará até o par primordial de opostos: espermatozóide x óvulo (Meneses, 2015, p. 57):

Por ser uma ideia aparentemente irracional, essa afirmação de personagem já estimula o pensamento crítico de seus interlocutores. Rosa, na voz da personagem, apresenta um contrassenso já que em nossa língua existe a expressão “tão parecidos como um ovo e um espeto” para se referir a coisas ou pessoas muito distintas umas das outras. Neste contexto, verifica-se uma desconstrução de um dito popular, abrindo-se espaço para um novo modo de observar as coisas aparentemente opostas, portanto, evidencia-se a criatividade infantil a partir da análise do perfil de Brejeirinha, personagem do conto.

O PERFIL DE BREJEIRINHA NO CONTO

Tendo o mínimo de sensibilidade durante a leitura de *Partida do audaz navegador*, consegue-se fazer uma análise, mesmo que subjetiva, do perfil da menina criadora e contadora da estória de um certo “audaz navegador”, que parte mar afora no conto rosiano.

Brejeirinha é apresentada pelo narrador como uma criança inteligente e criativa, capaz de estimular a imaginação daqueles com quem convive.

Nesta hora, não, Brejeirinha se instituíra, um azougue de quieta, sentada no caixote de batatas. Toda cruzadinha, traçadas as pernucas, ocupava-se com caixa de fósforos. A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora o xíxixi e o empapar-se da paisagem as pestanas tiltil. Porém, dizia ela, pouco se vê, pelos entrefios: “ Tanto chove, que me gela!” Ái, esticou-se para cima, dando com os pés em diversos objetos. “Ui, uite!” rolara nos cachos de bananas, seu umbigo sempre aparecendo. Pele ajudava-a a se endireitar [...] E o cajueiro ainda faz flores [...] acrescentou, observava da árvore não se interromper mesmo assim, com essas aguaceirices, de durante dias, a chuvinha no bruaar e a pálida manhã do céu (Rosa,2001, p. 109).

Nesse fragmento, é registrada minuciosa descrição da personagem, tanto em suas características físicas quanto comportamentais, permitindo ao leitor a visualização de um retrato da garota. Por meio deste delineado, vemos Brejeirinha entreter-se com uma caixa de fósforos, sentada em um caixote de batatas, esgueirando-se entre vários objetos e sempre expressando suas inquietações diante das coisas que estão à sua volta: “- E o cajueiro ainda faz flores [...]”, analisava, como quem desejasse entender o ciclo do cajueiro (como o cajueiro não interrompeu o florescimento mesmo com a sucessão de chuvas, fato incomum nessa árvore em épocas chuvosas).

Percebe-se nesse excerto a delicadeza da expressão adotada pela personagem, já que poder-se-ia usar simplesmente o verbo “florescer”, mas a menina faz a afirmação em um tom poético, pois a expressão “faz flores” configura-se como uma maneira diferente de expressar um fenômeno que poderia ser descrito simplesmente pelo vocábulo *florescer*. Ainda, notamos uma cena em movimento: Brejeirinha não parava, espiava a paisagem e o momento. O narrador apresenta a menina como uma criança curiosa e ávida por conhecimento, qualquer elemento à sua volta poderia lhe despertar questionamentos.

Na caracterização física de Brejeirinha, apresenta-se uma menina vívida e delicada, a descrição processada privilegia uma escolha vocabular no grau diminutivo, o que conota delicadeza e carinho. A escolha das palavras que a descrevem se harmoniza com a ideia de ser esta personagem a menina mais jovem da casa, porém, a mais esperta e criativa. É sinalizado no perfil da personagem central do conto, o interesse pela leitura e pela ficção literária:

“Sem saber o amor, a gente pode ler os romances grandes?” Brejeirinha especulava. “É, hem? Você não sabe ler nem o catecismo [...]; “Pele lambava-lhe um tico de desdém; mas Pele não perdia de boazinha e beliscava em doce, sorria sempre na voz. Brejeirinha rebica, cuíca: “Engraçada! [...] Pois eu li as 35 palavras no rótulo da caixa de fósforos [...] “ Por isso, que avançar afirmações, com superior modo e calor de expressão, deduzidos de babinhas. “Zito, tubarão é desvairado, ou é explícito ou demagogo?” Porque gostava, poetista,

de importar desses sérios nomes, que lampejam longo clarão no escuro de nossa ignorância (Rosa, 2001, p. 110)

Especificamente nessa passagem do conto, é demonstrado o fascínio da garota pela leitura, pois queria ler os romances grandes, mas Pele (uma das irmãs) desdenhava; em resposta, ela não hesita em afirmar que já lera o rótulo da caixa de fósforos, envaidecendo-se com o uso de palavras rebuscadas, o que o narrador descreveu como “sérios nomes”, que confrontavam a ignorância dos outros.

Este episódio nos chama a atenção para os efeitos que a leitura proporciona ao desenvolvimento cognitivo da criança, enquanto um ser em processo de desenvolvimento da linguagem. Neste trecho, Guimarães Rosa põe em evidência os efeitos da leitura na construção do raciocínio crítico do sujeito.

A partir desse entendimento, é possível afirmar que toda leitura é um ato inaugural, já que em cada leitor podem ser suscitadas ideias novas diante do que lê, por mais simples que seja o conteúdo, sobretudo, quando se leva em conta a criatividade, como explicitam Bonnici e Zolin (2009, p. 154): “[...] o leitor tem sido considerado peça fundamental no processo de leitura. Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê”.

Essa perspectiva nos ajuda a compreender porque a simples leitura do rótulo de uma caixa de fósforos influenciou o discurso da menina ao replicar Pele. Neste caso, a leitora atribuiu sentido ao que leu na caixa de fósforos sendo influenciada pela circunstância do momento. Brejeirinha, em todo o conto, demonstra performance crítica e especulativa e consegue criar, com muita originalidade, uma história que desperta a atenção das outras personagens.

UMA AUDAZ CONTADORA DE ESTÓRIAS: DA INTERAÇÃO SOCIAL AO IMAGINÁRIO CRIATIVO

A história contada por Brejeirinha trata-se de uma narrativa oral, criada a partir da situação vivida pelas crianças naquela manhã chuvosa, em um sítio mineiro. Naquela manhã parecia não acontecer nada até que Brejeirinha inicia simultaneamente a criação e contação de uma história inspirada no sutil afeto entre Zito e Ciganinha. Esta, irmã de Brejeirinha, aquele, um primo que veio visitar a família.

Brejeirinha, especulativa, queria descobrir o amor ao observar Zito e Ciganinha. O ponto de uma reconciliação parece ter sido inspiração para começar a contação de sua história, propondo que Zito fosse um navegante que saía pelo mar desconhecido. Tal proposição é ponto de partida para o início dessa ficção e, assim, inicia a contadora da história:

O aldaz navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinários. Ele foi num navio, também, falcatrugas. Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O aldaz navegante estava com saudade, antes, da mãe dele, dos irmãos, do pai. Ele não chorava. Ele precisava respectivo de ir. Disse: “Vocês vão se

esquecer muito de mim? O navio dele, chegou o dia de ir. O aldaz navegante ficou batendo o lenço branco, extrínseco, dentro do indo-se embora do navio. O navio foi saindo do perto para o longe, mas o aldaz navegante não dava as costas para a gente, para trás. A gente também inclusive batia os lenços brancos. Por fim, não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto de mar (Rosa, 2001, p. 110).

Assim, após perceber entreolhares entre Zito e Ciganinha, Brejeirinha inicia sua narrativa, deixando subentendido que Zito é o navegante que ia embora, sozinho, deixando para trás as outras crianças, que também representariam personagens da estória criada, já que é usado o termo “a gente” para se referir aos companheiros que ficaram a olhar o audaz navegante partir até desaparecer na imensidão do mar.

A cena inicial criada no conto de Brejeirinha é de despedida, o navegante parte deixando as pessoas que amava. O destino da viagem? Não se sabe. No entanto, a esse respeito, há apenas algumas indefinições: “Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar” e, ainda: “O navio foi saindo do perto para o longe [...]”. Estas afirmações reforçam ainda mais a melancolia da partida, pois a ideia que se tem é de que não há nenhuma certeza de um reencontro.

Se analisarmos a tessitura da estória iniciada pela menina, é possível relacioná-la à capacidade de criação e imaginação da criança. De acordo com Vygotsky (1990), quando crianças criam suas histórias de faz-de-conta, partem de experiências reais vividas e os elementos de sua história são recombinados inconscientemente, de modo a favorecer a reprodução de uma estória nova.

Sob essa perspectiva, Brejeirinha cria sua narrativa a partir da situação que ela vivenciava naquele momento. Portanto, evidencia-se em “Partida do audaz navegante” o efeito das relações sociais no imaginário da criança, corroborando com Vygotsky, numa tentativa de demonstrar que as experiências culturais e sociais são um ponto de partida para a criatividade humana. Observando os pressupostos vigotskianos, é possível perceber que:

Nesse processo, o meio social e cultural no qual o sujeito está inserido é de grande importância. Ao interagir com as pessoas, nos ambientes domiciliar, comunitário e escolar, a criança se apropria gradativamente da linguagem, internalizando seus significados e reelaborando-os diante de suas experiências pessoais, interesses e necessidades (Leite; Barros, 2024, p. 50)

Numa perspectiva interacionista, o conto de Guimarães Rosa propicia a reflexão sobre o potencial criativo da criança e o processo de construção do imaginário infantil, aspectos que se manifestam de forma sensível e expressiva na personagem Brejeirinha, cuja vivência revela a riqueza simbólica da infância.

Outro aspecto relevante no conto em análise é que, depois de iniciada a estória de Brejeirinha, há sempre uma retomada à narrativa inicial. Dessa forma possibilita-se que o leitor transite entre as duas narrativas e, de forma muito dinâmica, conheça os cenários e as personagens de ambas. Pode-se dizer que *Partida do audaz navegante* ocorre em dois níveis estruturais, sendo o primeiro, a estória que dá início ao conto,

aquela que o narrador nos apresenta, e o segundo, a ficção criada por Brejeirinha. A esse respeito, Meneses faz a seguinte afirmação:

Trata-se de um conto dentro de um conto, ou melhor, de duas narrativas que correm interagindo. Uma, conduzida pelo narrador que relata a manhã de um dia de chuva, em que “parecia não acontecer coisa nenhuma”, vivida por quatro crianças num sítiozinho mineiro. Três irmazinhas e um primo: uma delas, Ciganinha, fazia par com o primo Zito, mas os dois estavam “estremecidos”. Outra, é a história inventada por Brejeirinha, a menor das crianças, sobre um “Audaz Navegante”, que vai ganhando consistência ao longo da narrativa, e interferindo no tônus emocional do parzinho de primos (Meneses, 2015, p. 56).

Na estrutura narrativa de Rosa, ambas as histórias possuem relevância, estabelecendo-se uma complementaridade mútua, como se fossem peças articuladas em um mesmo conjunto, nessa conjuntura, a narrativa que introduz a estória criada pela menina não serviu apenas como um pretexto para a contação da estória do audaz navegante, como costumamos ver em textos que apresentam mais de um nível estrutural. Ao contrário, a situação que dá introdução ao conto de Brejeirinha é extremamente relevante para a produção de sua estória e a experiência do momento foi preponderante para a elaboração do enredo, demonstrando como a interação social influencia os modos de construção vocabular dos sujeitos, no caso em pauta, no vocabulário das crianças.

Um passeio ao “riachinho” é proposto por Brejeirinha. Na ocasião, Zito foi o responsável por acompanhar as crianças, pois ele era o mais velho da turma e o rio representava perigo, já que estava em período de cheia.

A ir lá, o caminho primeiro subia, subvexo, a ladeirinha do combro, colinola. Tão mesmo assim, os dois guarda-chuvas. Num avante Brejeirinha e Pele. Debaixo do outro, Zito e Ciganinha. Só os restos da chuva, chuvinha se segredando. Nurka corria, negramente, e enfim voltava, cachorra destapada ditosa. Se a gente se virava, via- se a casa, branquinha com a lista verde-azul, a mais pequenina e linda, de todas, todas, Zito dando o braço a Ciganinha, por vezes, muito, as mãos se encontravam (Rosa, 2001, p.111)

O trecho apresentado descreve o percurso das crianças por meio de uma narrativa marcada pelo forte caráter imagético e pela delicadeza expressiva, evidenciando o encantamento coletivo diante da ida ao riacho. A cena configura-se como uma típica experiência da infância, na qual o par de primos, Zito e Ciganinha, ao compartilharem o mesmo guarda-chuva, contribui para a construção de uma imagem de grande beleza simbólica, capaz de mobilizar a imaginação do leitor.

Há ainda rica representação da natureza no texto. A protagonista do conto, ao estar diante do riacho a contemplar a cheia, usa um pedaço de bambu para medir a altitude da água, com isso, vê-se a criatividade e astúcia da criança que é representada em Brejeirinha, que se lamenta por não ter levado pão para jogar aos peixes. Nesse contexto, Guimarães Rosa introduz a temática ambiental, sinalizando que a criança pode amar a natureza e cuidar dela e de sua biodiversidade.

Enquanto Zito e Ciganinha conversam sentados em uma pedra, Brejeirinha retoma a narração, deixando evidente que o navegante pensava, aflito, na moça que amava enquanto a tripulação enfrentava uma tempestade. Pele, irritada, desdenha da estória e cobra um desenrolar plausível para a narrativa, porém a criadora da estória não se deixa intimidar pelos insultos e, novamente, dá voz à criatividade. Desta vez, o esterco bovino, no qual havia crescido um cogumelo, é associado a elementos de sua ficção:

Olhou-se. Era: aquele a coisa vacum, atamanhada, embatumada, semi-ressequida, obra pastoril no chão de limugem, e às pontas dos capins chato, deixado. Sobre sua eminência, cresceria um cogumelo de haste fina e fiexuosa, muito longa: o chapeuzinho branco, lá em cima, petulante se bamboleava. O embate e orla da água, enchente, já o atingiam, quase (Rosa, 2001, p.114).

Na perspectiva apresentada, o esterco representaria o navio, o cogumelo o audaz navegante. O bambolear do cogumelo lembra o movimento das águas ao vento e, consequentemente, do navio que também se flexiona ao movimento das águas, imprimindo ao conto uma ideia metonímica.

A esse episódio, pode-se aplicar a teoria de Vygotsky (1990) quando declara que no início da vida, a criança tem sua ação sobre o mundo determinada pelo contexto perceptual e pelos objetos neles contidos. Contudo, quando jogos de faz-de-conta e de papéis se iniciam, acontece um processo psicológico que envolve imaginação e fantasia, permitindo à criança ter liberdade, consequentemente, levando-a a se desprender de restrições impostas pelo ambiente imediato.

Na infância, a criança tem a imaginação aguçada por objetos e experiências reais. Esta perspectiva é ilustrada em *Partida do audaz navegante* quando objetos e elementos da natureza inspiram a criação de personagens da história inventada por Brejeirinha. Isso exemplifica como a criança pode ser estimulada à criatividade e ao desenvolvimento do pensamento simbólico.

Ao analisar o desenrolar do conto, percebe-se frequentemente a presença do pensamento filosófico e do raciocínio lógico. Por exemplo, quando Pele e Brejeirinha discutem sobre a presença ou ausência de jacarés na ilha, usa-se a lógica da negação, estimulando o leitor a pensar a partir do raciocínio estabelecido no discurso das duas meninas.

À beira do riacho, a criadora da estória não hesita em dar um fim inusitado à sua narrativa: o navegante não se encolheu diante da tempestade, envergonhara-se de ter medo e, em um “pulo onipotente”, apanhou a moça que amava. O desfecho da estória sugere que o amor foi o impulso para a coragem do navegante- um ato de coragem que se harmoniza perfeitamente com o título do conto.

O conto, por vezes, parece fazer transposições de situações reais para o enredo de sua narrativa, a exemplo do próprio clima chuvoso que nos é apresentado. A impressão que se tem na leitura do conto é de maximização dessas condições, a chuvinha no sítio seria uma miniatura da tempestade pela qual a tripulação passava, o riacho representaria o mar.

Essas comparações estabelecidas exemplificam que as relações sociais e a experiência momentânea da personagem influenciaram a composição de sua narrativa. Isso ocorre, segundo Vigotisky (2009, p. 16), porque “os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na tenra infância [...]. Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação [...]”.

Rosa sinaliza, em sua obra, sensibilidade ao processo de criação infantil, propondo na narrativa em pauta que a criança é capaz de criar, fantasiar, produzir estórias sem se limitar a meras repetições.

AMPLIANDO A DISCUSSÃO PARA O CAMPO EDUCACIONAL

O conto *Partida do audaz navegador* possibilita uma reflexão acerca de sua relevância no campo educacional, especialmente na área de linguagem, ao evidenciar a necessidade de que a escola desenvolva estratégias capazes de dar voz ao imaginário dos alunos, promovendo a criatividade, a expressão pessoal e a apropriação crítica da linguagem.

Nesse sentido, Tommasi (2010, p. 34-35) declara que “para o professor manter a chama da criatividade acesa em seus alunos, deve olhar para a sua própria chama criativa, analisá-la e alimentá-la constantemente e considerar a criatividade como processo contínuo”. Logo, a seleção de textos que promovam a expressão do aluno constitui, sem dúvida, uma estratégia eficaz para estimular não apenas sua motivação para aprender, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas e a construção de conhecimento de forma crítica e reflexiva.

Acerca da importância do ato da leitura, Yunes (1995, p. 188) propõe que “ler é interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida.” Nesta discussão, Eliana Yunes (1995, p. 188) ainda reflete sobre o poder das palavras: “Nasce do prazer de ouvir - as histórias da primeira infância nos povoam de densidades e mistérios para sempre - até que possamos nós mesmos brincar com as palavras, jogar seu jogo pesado, matar e fazer viver com elas”. Tais concepções demonstram o quanto a leitura é essencial ao desenvolvimento do imaginário infantil.

A partir dessa perspectiva, é reafirmado o compromisso que a escola precisa ter para estimular processos de autoria e interpretação.

[...]o investimento do leitor como sujeito é incontornável e necessário a toda experiência verdadeira de leitura [...] É possível modificar a relação com o texto construído por meio da leitura escolar desenvolvendo uma “didática da implicação” do sujeito leitor. Para isso, convém incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se expressar sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático (Roussel, 2007, p. 10).

As contribuições da teórica apontam para uma didática comprometida com a formação de leitores críticos, capazes de se posicionar diante do que leem e recriar

a realidade pela escrita e fala. Tal visão nos permite refletir que *Partida de audaz navegante* é um conto que promove o incentivo aos processos de autoria da criança.

Em *Literatura em perigo*, Todorov (2008, p. 22) discorre acerca da criação literária. Segundo o teórico, “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características”. A partir desta concepção, é possível pensar no modo de criação da ficção de Brejeirinha. No conto, a personagem constrói sua narrativa a partir das experiências sociais e culturais que vivencia, sugerindo que crianças contemporâneas também podem desenvolver perfis autorais, sendo a escola um dos principais agentes capazes de promover e estimular esse processo criativo.

Nessa perspectiva, atitudes criativas contribuem para a construção do conhecimento porque oportuniza à criança o domínio das diversas linguagens, favorece a criticidade e incita o desenvolvimento e a interação de maneira lúdica e espontânea (Canto, 2015). O conto *Partida do audaz navegante*, neste viés, figura como alternativa de incentivo à autoria crítica de crianças na escola. O conto oferece múltiplas possibilidades de análise, destacando-se, entre elas, a contribuição para a formação leitora das crianças, bem como o estímulo à interpretação subjetiva e espontânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Partida do audaz navegante*, Guimarães Rosa demonstra como podem ocorrer os processos de criação literária. A personagem central de seu conto é um exemplo de criatividade; a história que ela inventa, por si só, propõe uma viagem ao imaginário. Situações corriqueiras tornam-se objetos de questionamentos, demonstrando que crianças, naturalmente, são dadas ao pensamento filosófico, pois frequentemente interrogam os adultos acerca de temas que causam desconforto e não são fáceis de serem explicitados.

A tessitura da narrativa de Brejeirinha evidencia a recriação da realidade por meio de processos de reelaboração, invenção e substituição. A personagem é capaz de construir uma narrativa que cativa as demais crianças, despertando nelas interesse e envolvimento diante de seu discurso expressivo.

A leitura do conto aponta que, desde muito cedo, as crianças podem ser estimuladas à leitura e à escrita e, por mais simples que sejam suas produções, é importante que a criatividade seja valorizada e incentivada, o contrário disso pode interromper seu potencial criativo.

Na escola, *Partida do audaz navegante* figura como um texto importante para o trabalho de formação leitora, sendo uma excelente alternativa de leitura em sala de aula para as aulas de Língua Portuguesa porque incita a busca de mecanismos de letramento inovadores e dinâmicos, ao contrário da mera reprodução e do conformismo ainda existentes em algumas instituições escolares.

Adotar a perspectiva de Brejeirinha é dar lugar à criança que existe (ou que poderia existir) dentro de cada sujeito, já que o enredo do conto remete à infância,

despertando a memória e o imaginário de quem lê. Essa abordagem evidencia como a literatura pode funcionar como um espaço de resgate e valorização da sensibilidade própria da infância, promovendo uma reflexão sobre a criatividade, a percepção do mundo e a construção de significados.

REFERÊNCIAS

- BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3^a Ed. Maringá: EDUEM, 2009.
- CANTO, F. S. G. Y. **Desenvolvimento da criatividade da criança:** um diálogo com docentes da educação infantil. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em educação), Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, São Paulo, 2015.
- LEITE, Francisco; Edson Pereira; BARROS, João Luiz da Costa. **Teoria histórico-cultural** [recurso eletrônico]: fundamentos essenciais. Manaus, 2024
- MENESES, A. B. de. **“Partida do Audaz Navegante”, de Guimarães Rosa:** ressonâncias odisseicas, em clave minimalista. Revista Literatura e sociedade. Volume 20, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Aparecida/Downloads/107380-Texto%20do%20artigo-190308-1-10-20151112%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Aparecida/Downloads/107380-Texto%20do%20artigo-190308-1-10-20151112%20(5).pdf). Acesso em: 21 dez. 2025.
- ROUXEL, A. **Práticas de leitura:** quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Cadernos de Pesquisa. Volume 42, nº 147, jan/abr 2012, p. 272-283. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>. Acesso em: 9 de fev. 2022.
- ROSA, J. G. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.
- TOMMASI, S. M. B. **Criatividade e educação (Parte 2).** Revista Direcional, p. 34-35, jun. 2010.
- VYGOTSKY, L. S.. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009. Sites: 1.

- YUNES, E. **Pelo avesso:** a leitura e o leitor. Revista Letras, nº 44, p. 185-186, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078/12383>. Acesso em: 21 dez. 2025.